

# **GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

## **O escândalo do século**

*Prólogo de Jon Lee Anderson*

TRADUÇÃO DE  
Joel Silveira  
Léo Schlafman  
Remy Gorga, Filho



**E D I T O R A R E C O R D**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

## SUMÁRIO

*Prólogo*, por Jon Lee Anderson

*Nota do editor*, por Cristóbal Pera

### O ESCÂNDALO DO SÉCULO

O barbeiro presidencial

Tema para um tema

Um equívoco explicável

O assassino dos corações solitários

A morte é uma dama impontual

A estranha idolatria de la sierpe

Um homem vem sob a chuva

A casa dos Buendía

Literaturismo

Os precursores

O carteiro bate mil vezes

O tigre de Aracataca

S.S. sai de férias (fragmento)

O escândalo do século

Estão em Caracas as mulheres que desaparecem em Paris?

“Visitei a Hungria” (fragmento)

O ano mais famoso do mundo

Só 12 horas para salvá-lo

6 de junho de 1958: Caracas sem água

Desventuras de um escritor de livros

Não me ocorre nenhum título  
O golpe sandinista. Crônica do assalto à “Casa de los Chanchos”  
Os cubanos diante do bloqueio  
O fantasma do Prêmio Nobel  
Telepatia sem fio  
A nova profissão mais velha do mundo  
Sim: a nostalgia continua a mesma de antes  
Conto de horror para  
Caribe mágico  
A poesia ao alcance das crianças  
O rio da vida  
*María de meu coração*  
Como almas penadas  
Algo mais sobre literatura e realidade  
Meu Hemingway pessoal  
Fantasmas de estradas  
Bogotá, 1947  
“Contos de estrada”  
Meu outro eu  
Os pobres bons tradutores  
O avião da Bela Adormecida  
Precisa-se de um escritor  
Obregón ou a vocação arrebatada  
A literatura sem dor  
De Paris, com amor  
Regresso ao México  
Está bem, falemos de literatura  
Aquele quadro-negro das notícias  
Volta às raízes  
Como se escreve um romance?

## PRÓLOGO

O mundo reconhece Gabriel García Márquez como um romancista extraordinário: o querido criador do coronel Aureliano Buendía e de Macondo, do épico amor de Fermina Daza e Florentino Ariza, da morte de Santiago Nasar, e do colossal e solitário ditador de *O outono do patriarca*. Por tudo isso, ele recebeu em vida o reconhecimento máximo concedido a um literato, o prêmio Nobel, e toda a América Hispânica se regozijou ao ver “um dos 16 filhos do telegrafista de Aracataca” na cerimônia de entrega, diante dos monarcas da Suécia.

Gabo (nome afetoso pelo qual é chamado em todo o mundo hispânico) também é conhecido como amigo e confidente de Fidel Castro, Bill Clinton, Cortázar, Fuentes e de seus outros colegas do *boom*. Também é conhecido como marido de Mercedes Barcha e pai de dois filhos, Gonzalo e Rodrigo. Quando morreu, em 2014, aos 87 anos, uma multidão compareceu ao seu velório, realizado no lindo palácio das Belas Artes da capital do país onde morava, o México. Quando Juan Manuel Santos, então presidente da Colômbia, sua terra natal, disse que Gabo fora o melhor colombiano de todos os tempos, ninguém duvidou.

No entanto, além de tudo isso, Gabo foi jornalista; o jornalismo foi, de certo modo, seu primeiro amor, e, como todos os primeiros amores, o mais duradouro. Foi essa profissão que lhe deu as bases para se tornar escritor, coisa de que ele sempre se lembrou; sua admiração pelo jornalismo chegou ao ponto de levá-lo a proclamar, em algum momento, com sua característica generosidade, que esse era “o melhor ofício do mundo”.

Essa hipérbole foi inspirada por um sentimento de respeito e afeto por uma profissão que ele adotou ao mesmo tempo que dava os primeiros passos como escritor. Em 1947, em seu primeiro ano na Universidad Nacional de Bogotá, foram publicados seus primeiros contos no jornal *El Espectador*. Ele queria ser escritor, mas havia entrado na faculdade de direito para satisfazer o pai.

A violência política irrompeu bruscamente na vida de Gabo em abril de 1948, quando o assassinato do carismático líder liberal Jorge Eliécer Gaitán ensejou vários dias de revolta popular. Durante a comoção, lembrada como “Bogotazo”, a residência estudantil de Gabo foi incendiada, e a universidade foi fechada por tempo indeterminado. Esse foi o começo de uma guerra civil entre liberais e conservadores — denominada “La Violencia” —, que duraria uma década e custaria a vida de cerca de 200 mil pessoas.

A Colômbia nunca seria a mesma, e a vida de Gabo também não. Para poder continuar os estudos, ele se mudou para Cartagena das Índias, matriculou-se na universidade e, em maio de 1948, começou a colaborar com o novo jornal local, o *El Universal*. Pouco tempo depois, deixou os estudos para dedicar-se totalmente à escrita. Tentou ganhar a vida escrevendo artigos para o *El Heraldo*, de Barranquilla, cidade para onde se mudou em 1950. Foram anos felizes e formadores: estava rodeado por outros jovens criativos — escritores, artistas, boêmios —, que se tornaram grandes amigos e formaram o chamado “Grupo de Barranquilla”. Naquela época, Gabo vivia num hotel, assinava uma coluna sob o pseudônimo de Septimus e terminou seu primeiro romance, *A revoada (o enterro do diabo)*.

Esta antologia, tão bem-vinda e necessária, ressalta o legado do jornalista Gabriel García Márquez por meio de uma seleção de seus artigos publicados. Começa com o jovem e boêmio Gabo da fase caribenha, prestes a decolar como escritor, e continua por uns quarenta anos até meados da década de 1980, quando ele já é um autor maduro e consagrado. É uma antologia que nos revela um

escritor de escrita amena em suas origens, brincalhão e desinibido, cujo jornalismo pouco se distingue de sua ficção. Em “Tema para um tema”, por exemplo, ele escreve sobre a dificuldade de encontrar um assunto apropriado para começar um artigo. “Há quem transforme a falta de tema em tema para um artigo de jornal”, diz, e, depois de revisar um leque de histórias pitorescas que aparecem nos jornais — casa-se a filha do ditador espanhol Franco, e o noivo é chamado de “Genríssimo”; alguns meninos acabam queimados quando brincam com discos voadores —, deixa claro que é possível escrever um artigo divertido sobre nada em particular. Em “Um equívoco explicável”, Gabo narra como um homem extremamente bêbado se suicidou pulando da janela de um hotel ao ver peixes caindo do céu. Consumado o fato, o remate de Gabo tem um tom gótico *noir*, tipo Edgar Allan Poe, o que revela um jornalista motivado sobretudo pelo desejo de “contar um conto bem contado”, como ele mesmo costumava dizer com seu estilo caribenho: “Cáli. 18 de abril. Extraordinária surpresa tiveram no dia de hoje os habitantes da capital do Valle del Cauca, ao observarem nas ruas centrais da cidade a presença de centenas de peixinhos prateados, de cerca de duas polegadas de comprimento, que apareceram espalhados por toda parte.”

Em 1954, Gabo voltou a Bogotá para trabalhar em *El Espectador*, o mesmo jornal que publicara seus primeiros contos. Começou fazendo críticas de cinema e dedicou-se à reportagem como enviado especial, mas também publicou artigos de seu interesse — alguns deles presentes neste volume —, crônicas sobre lendas populares do litoral ou reflexões sobre acontecimentos que o intrigavam: em “Literaturismo”, menciona um horripilante homicídio cometido em Antióquia. Com um tom de repreensão, abrandado por seu característico humor negro, Gabo escreve: “A notícia não mereceu — ao câmbio atual da moeda jornalística — mais de duas colunas na página das notícias locais. É um ato sangrento, como qualquer outro.

Com a diferença de que, nesses tempos, ele não tem nada de extraordinário, pois como notícia é demasiado corrente e como romance é demasiado truculento. Conviria recomendar um pouco de discrição à vida real.” Em outro artigo, “O carteiro bate mil vezes”, Gabo volta a demonstrar que é possível construir uma notícia do nada, com uma deliciosa crônica sobre a casinha de Bogotá onde vão parar as cartas que nunca chegam ao destino.

Durante sua permanência em Bogotá, Gabo não demorou a consagrar-se como cronista de renome nacional com sua dramática série intitulada “Relato de um naufrago”, publicada em 1955. Baseada em entrevistas com Luis Alejandro Velasco — único sobrevivente do navio da Marinha colombiana *ARC Caldas*, afundado por uma tempestade na viagem de volta de Mobile, no Alabama —, a história de Gabo foi um sucesso. Publicada em 14 episódios, a série quebrou o recorde de vendas de *El Espectador*, ao mesmo tempo que provocou grande escândalo devido ao que Gabo afirmava ali: a embarcação afundara por causa da sobrecarga derivada do contrabando embarcado por oficiais e pela tripulação; o resultado foi que o editor, para afastar Gabo do olho do furacão, mandou-o para a Europa. Era a primeira vez que ele saía da Colômbia.

Nos dois anos e meio que passou na Europa, viajando como correspondente de *El Espectador* por Paris, Itália, Viena e até pelos países da Europa Oriental, do outro lado da Cortina de Ferro, Gabo escreveu uma série de crônicas a respeito de tudo o que lhe parecesse digno de interesse, desde uma reunião de cúpula em Genebra até as supostas brigas entre duas famosas atrizes do cinema italiano ou a neblina de Londres. Sua prosa tinha frescor, e suas crônicas eram sempre afiadas e carregadas de ironia; ele era um grande gozador, e a legião de fiéis seguidores, adquirida graças a “Relato de um naufrago”, estava disposta a ler qualquer coisa que saísse de sua pluma.

Em um de seus trabalhos na Europa, “S.S. sai de férias”, Gabo se detém no percurso habitual do papa desde o Vaticano até o palácio de

Castelgandolfo, fora de Roma. Expondo a cena como um roteirista de cinema, Gabo escreveu: “O Papa saiu de férias. Esta tarde, às cinco em ponto, instalou-se num Mercedes particular, com placa SCV-7, e saiu pela porta do Santo Ofício, em direção ao palácio de Castelgandolfo, a 28 quilômetros de Roma. Dois gigantescos guardas suíços o saudaram à entrada. Um deles, o mais alto e robusto, é um adolescente louro de nariz achatado, como nariz de boxeador, em consequência de um acidente de trânsito”. A história está cheia de suspense, graças ao truque de somar à crônica seções com títulos próprios: um sobre o calor daquele dia (“35 graus à sombra”) e outro (“Acidentes de percurso”) nas quais explica o atraso de dez minutos de Sua Santidade para chegar ao palácio por causa de um caminhão atravessado na rua. A chegada do papa, afinal, é comunicada em tom irônico: “Ninguém percebeu em Castelgandolfo de que lado o Papa entrou em seu palácio de férias. Entrou pelo oeste, num jardim com uma avenida orlada por árvores centenárias.”

Quando voltou para a América Latina, no fim de 1957, Gabo tinha sido recrutado por Plinio Apuleyo Mendoza, amigo colombiano, para trabalhar na revista *Momento*, em Caracas. Mendoza também o acompanhara na viagem pelos países do Leste Europeu. Sua chegada coincidiu com uma nova etapa de convulsão política: logo depois de Gabo chegar, em janeiro de 1958, ocorreu a queda do ditador venezuelano Marcos Pérez Jiménez. Foi a primeira derrubada popular de um ditador numa época em que a América Latina era governada quase exclusivamente por ditadores. O que Gabo viveu durante o ano seguinte no volátil ambiente venezuelano representou para ele um despertar político.

Regressou por breve período a Barranquilla para se casar com Mercedes Barcha, bela jovem de Mompos, por quem se apaixonara anos antes, durante sua fase caribenha. Voltaram juntos para Caracas. Quando o amigo Mendoza deixou a revista *Momento*, por motivo de desentendimento com o proprietário, Gabo se solidarizou com ele e se



demitiu. Como *freelancer*, começou a escrever artigos para outras publicações. Dois deles, presentes neste volume, “Caracas sem água” e “Só 12 horas para salvá-lo”, são clássicos do emergente estilo jornalístico de Gabo, no qual a narração, reconstrução minuciosa de dramas da vida real, é veiculada em tom de suspense, às vezes quase hitchcockiano, e com um desenlace que só se revela no fim.

Em janeiro de 1959, duas semanas depois de o exército rebelde de Fidel Castro derrubar o ditador Fulgencio Batista e tomar o poder em Cuba, Gabo e Mendoza conseguiram viajar à ilha a bordo de um avião sucateado enviado a Caracas pelos barbudos vencedores para levar jornalistas. A partir daí, ele iniciou uma relação com a Revolução Cubana que durou toda a sua vida. Sobre essa primeira experiência cubana, ele escreveu memoravelmente em “Não me ocorre nenhum título”.

Em seu texto, Gabo situou a recente revolução no contexto político do momento por meio de uma genial historietta sobre o poeta cubano Nicolás Guillén, que ele conhecera em Paris, quando ambos se alojavam no mesmo hotel barato do Quartier Latin, uns anos antes. “[...] ainda nos tempos mais cruéis do inverno — escreveu Gabo —, Nicolás Guillén conservava em Paris o costume bem cubano de acordar (sem galo) com os primeiros galos e de ler os jornais junto ao fogo do café, acalentado pelo vento daninho dos trapiches e pelo ponteio de violões dos amanheceres barulhentos de Camagüey. Depois abria a janela de sua sacada, também como em Camagüey, e acordava a rua inteira gritando as últimas notícias da América Latina, traduzidas do francês para o jargão cubano.”

A situação do continente naquele momento expressava-se perfeitamente no retrato oficial da conferência de chefes de Estado que se reuniram no ano anterior no Panamá: “Mal se vislumbra um civil esquelético no meio de um aparato de fardas e medalhas de guerra. Até o general Dwight Eisenhower, que na presidência dos Estados Unidos costumava disfarçar o cheiro de pólvora de seu coração com os

ternos mais caros da Bond Street, pusera para aquela foto histórica suas insígnias de guerreiro em repouso. De modo que, uma manhã, Nicolás Guillén abriu a janela e gritou uma única notícia: ‘O homem caiu!’. Foi uma comoção na rua adormecida, porque cada um de nós acreditou que o homem caído era o seu. Os argentinos pensaram que era Juan Domingo Perón, os paraguaios acharam que era Alfredo Stroessner, os peruanos pensaram que era Manuel Odría, os colombianos acharam que era Gustavo Rojas Pinilla, os nicaraguenses acharam que era Anastasio Somoza, os venezuelanos acharam que era Marcos Pérez Jiménez, os guatemaltecos acharam que era Castillo Armas, os dominicanos pensaram que era Rafael Leónidas Trujillo, e os cubanos acharam que era Fulgencio Batista. Era Perón, na realidade. Mais tarde, conversando sobre isso, Nicolás Guillén nos pintou um panorama desolador da situação em Cuba. ‘A única coisa que vejo no futuro — concluiu — é um rapaz que está se movendo muito para os lados do México.’ Fez uma pausa de vidente oriental e concluiu: ‘Chama-se Fidel Castro’.”

Sua própria chegada a Havana, em plena efervescência revolucionária, foi lembrada por Gabo da seguinte maneira: “Antes do meio-dia aterrissamos entre as mansões babilônicas dos ricos mais ricos de Havana: no aeroporto de Campo Columbia, logo batizado com o nome de Ciudad Libertad, antiga fortaleza batistiana onde poucos dias antes Camilo Cienfuegos acampara com sua coluna de camponeses atônitos. A primeira impressão foi quase cômica, pois fomos recebidos pelos membros da antiga aviação militar que, na última hora, haviam se bandeado para a Revolução e estavam concentrados em seus quartéis, enquanto a barba crescia o suficiente para parecerem revolucionários antigos.”

Com a publicação e o espetacular sucesso de *Cem anos de solidão*, o ano de 1968 foi um dos grandes marcos na vida de Gabriel García Márquez. A partir daí, Gabo e família gozaram de estabilidade financeira, e ele foi aclamado internacionalmente, com total

merecimento, como um dos grandes romancistas contemporâneos. Não abandonou os auge literários nos vinte anos seguintes, período em que publicou suas outras obras maiores, entre as quais *O outono do patriarca* e *O amor nos tempos do cólera*, mas paralelamente — embora essa faceta fosse muito menos conhecida por seus milhões de leitores fora da América Latina — continuou trabalhando como jornalista, com um enfoque cada vez mais politicamente engajado.

Na década de 1970, em meio ao ambiente de crescente tensão na América Latina, propiciado pelo triunfo da Revolução Cubana e pela política de violenta contenção impulsionada pelos Estados Unidos, Gabo entrou numa fase de jornalismo militante. Quando, em 1973, o presidente socialista chileno, Salvador Allende, foi brutalmente derrubado pelo general Augusto Pinochet, ele chegou a declarar que não publicaria mais nenhum livro até a queda do regime. Apesar de não ter cumprido essa promessa, começou a expressar de modo cada vez mais claro suas simpatias pelas causas da esquerda.

Ao lado de alguns amigos jornalistas colombianos, lançou a *Alternativa*, revista de esquerda; escrevia artigos e colunas com críticas à política norte-americana e a favor de Cuba e de Fidel Castro, com quem criou laços de duradoura amizade. Escreveu uma longa crônica louvando a histórica expedição militar cubana em Angola, além de outra, que faz parte deste volume, intitulada “O golpe sandinista. Crônica do assalto à ‘Casa de los Chanchos’”, que tratava como epopeia heroica o sequestro em massa de parlamentares nicaraguenses por parte de um grupo de guerrilheiros sandinistas.

Na crônica “Os cubanos diante do bloqueio”, incluída nesta antologia, Gabo valeu-se de seus dotes narrativos para levar os leitores a entender as implicações do famoso “embargo” — “bloqueio”, para os cubanos — que os Estados Unidos impuseram a Cuba a partir de 1961. Escreveu: “Naquela noite, a primeira do bloqueio, havia em Cuba uns 482.560 automóveis, 343.300 refrigeradores, 549.700 receptores de rádio, 303.500 televisores, 352.900 ferros elétricos,

286.400 ventiladores, 41.800 máquinas de lavar roupa, 3.510.000 relógios de pulso, 63 locomotivas e 12 navios mercantes. Tudo isso, com exceção dos relógios de pulso, que eram suíços, fora fabricado nos Estados Unidos. Ao que tudo indica, haveria de passar-se certo tempo até que os cubanos se dessem conta do que significavam em sua vida aqueles números mortais. Do ponto de vista da produção, Cuba percebeu de imediato que não era um país à parte, mas sim uma península comercial dos Estados Unidos.”

Por causa de textos como esses, Gabo foi muito criticado pela imprensa de direita nos Estados Unidos e na América Latina, e alguns chegaram a tachá-lo de propagandista do regime cubano ou mesmo de inocente útil de Fidel Castro. Gabo continuou apoiando as causas nas quais acreditava, exercendo, ademais, papel diplomático ao se envolver pessoalmente em esforços de diálogo entre os Estados Unidos e Cuba, bem como entre líderes guerrilheiros colombianos e os sucessivos governos do país.

Contudo, a obra de Gabo transcendia também suas ideias políticas. Em 1987, diante da espantosa notícia do assassinato, por ordem de Pablo Escobar, de Guillermo Cano, seu amigo e editor à frente de *El Espectador* durante décadas, Gabo escreveu este sentido e comovente louvor: “Durante quase quarenta anos, a qualquer hora e em qualquer lugar, toda vez que ocorria algo na Colômbia, minha reação imediata era telefonar a Guillermo Cano, para que ele me contasse a notícia exata. Sempre, sem uma única falta, brotava do telefone a mesma voz: “Alô, Gabo, como vão as coisas?”. Num mau dia de dezembro passado, María Jimena Duzán transmitiu-me em Havana uma mensagem dele: solicitava que eu escrevesse algo especial para o centenário de *El Espectador*. Naquela mesma noite, em minha casa, o presidente Fidel Castro estava fazendo um relato interessantíssimo durante uma festa entre amigos, quando ouvi, quase em segredo, a voz trêmula de Mercedes: ‘Mataram Guillermo Cano.’ Havia acontecido